

A CULTURA HIP-HOP, A SAÚDE E AS PESSOAS NEGRAS LGBTQIAPN+: IDENTIDADES, PERTENCIMENTO E (R)EXISTÊNCIAS

Letícia Cavalcanti dos Santos¹
Mateus Santos Lima²

Resumo: A presente nota de pesquisa teve como finalidade discutir as formas como a cultura *hip-hop* constitui um lugar importante para a comunidade negra LGBTQIAPN+, ao propiciar a esses sujeitos espaço de identificação, expressão e afirmação. A pesquisa, de caráter qualitativo, teve como base as respostas enviadas pelos proponentes inscritos no Edital Cultura Viva – Construção Nacional do *Hip-Hop*, lançado em outubro de 2023 pelo Ministério da Cultura (MinC). As respostas indicaram modos de reconhecimento mútuo entre os integrantes da cultura e suas consequências, como o senso de pertencimento e protagonismo. Apontando, portanto, a cultura *hip-hop* enquanto uma ferramenta potente para afirmação da identidade e a resistência da comunidade negra LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: Pessoas Negras LGBTQIAPN+; Promoção de Saúde; Hip-Hop.

HIP-HOP CULTURE, HEALTH AND LGBTQIAPN+ BLACK PEOPLE: IDENTITIES, BELONGING AND (R)EXISTENCES

Abstract: The purpose of this research note was to discuss the ways in which *hip-hop* culture constitutes an important place for the black LGBTQIAPN+ community, by providing them with a space for identification, expression and affirmation. The research, which was qualitative in nature, was based on the responses sent in by the applicants registered for the Cultura Viva – Construção Nacional do *Hip-Hop* Call for Proposals, launched in October 2023 by the Ministério da Cultura (MinC). The responses indicated ways of mutual recognition between members of the culture and its consequences, such as a sense of belonging and protagonism. Therefore, *hip-hop* culture is a powerful tool for affirming the identity and resistance of the black LGBTQIAPN+ community.

Keywords: Black People LGBTQIAPN+; Health Promotion; Hip-Hop.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: leticia.cavalcanti@unifesp.br.

² Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: lima.mateus13@unifesp.br.

O movimento *hip-hop*, desde a sua origem, tem como grande característica e objetivo ser um movimento artístico-político de grupos vulneráveis e marginalizados. Surgido no fim dos anos 1960, ele nasceu da angústia e revolta de jovens norte-americanos do bairro Bronx (EUA), predominantemente negros, que buscavam um modo de manifestar críticas acerca da realidade que vivenciavam, com o propósito de mudar o cenário de seus bairros de origem (Almeida, 2020).

No Brasil, o movimento *hip-hop*, difundido nos anos 1980 num contexto de regime militar, ofereceu, sobretudo aos jovens das periferias, uma maior integração entre si, de modo a ampliar o senso de pertencimento e identificação (Dornelas, 2019). Tornou-se, portanto, um espaço de arte, de luta, de produção de novas formas de vida e movimentação nos seus próprios territórios, a partir de uma cultura que é própria dessa população, enquanto ação, resistência, lazer e representatividade.

Em um país como o Brasil, marcado pelas consequências históricas do processo diaspórico de escravização das pessoas negras, o racismo, que afeta profundamente as subjetividades, coloca esses indivíduos em uma posição de violenta subalternidade, por não se adequarem aos ideais eurocêntricos coloniais do homem-branco-cis-heteronormativo, além de carregarem em seus corpos marcadores que os afastam desse padrão (Aguiar; Jesus, 2021).

Simultaneamente, as pessoas LGBTQIAPN+³ também são continuamente atravessadas pelas violências que lhes são impostas, por não corresponderem à lógica hegemônica da cis-heteronormatividade. Ao longo dos anos, sofreram e ainda sofrem com processos de desumanização e deslegitimação de suas existências (Moutinho et al., 2006).

Nesse contexto, é fundamental discutir como a relação entre o sujeito e o movimento *hip-hop* perpassa as questões de saúde, especialmente no

³ A sigla contempla uma parte das diversidades de gênero, identidades e orientações sexuais, sendo eles: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais, assexuais, agêneros e aromânticos, pansexuais e não binários. Além disso, o símbolo de “+” reconhece as demais identidades e orientações não mencionadas.

que se refere à saúde mental. Isso se dá porque, diante das violências sofridas pelas pessoas negras LGBTQIAPN+, o *hip-hop* proporciona o desenvolvimento de narrativas próprias sobre si, que rompe com a lógica dos discursos excludentes (Imbrizi *et al.*, 2019).

Compreendendo a importância da cultura *hip-hop* enquanto movimento artístico-político-representativo, essa nota de pesquisa tem por objetivo levantar reflexões acerca de como a cultura *hip-hop* tem se manifestado entre pessoas negras LGBTQIAPN+, que sofrem processos singulares de opressão pelo racismo e pela LGBTfobia ainda vigentes na sociedade, experienciando os efeitos dessas violências históricas enquanto sujeitos que carregam nos seus corpos esses dois marcadores sociais.

Optou-se, neste estudo, pelo uso da sigla LGBTQIAPN+, referente à comunidade política e não homogênea, em que os sujeitos se identificam com determinadas orientações sexuais, identidades e expressões de gênero, que se distanciam dos padrões cis-heteronormativos (Almeida *et al.*, 2023). Apostou-se, neste estudo, que há efeitos benéficos do movimento *hip hop* para a promoção de saúde para pessoas negras LGBTQIAPN+, especialmente ao que urge a saúde mental, não somente enquanto movimento artístico-político-reivindicatório, mas também enquanto espaço de cuidado.

Assim sendo, foram analisados os resultados obtidos nas inscrições realizadas no Edital de Seleção nº 10/2023 – Cultura Viva – Construção Nacional do *Hip-Hop*, lançado em outubro de 2023 pelo Ministério da Cultura (MinC) (Brasil, 2023), um projeto que buscou propiciar o fortalecimento do movimento e dos sujeitos envolvidos. Reunimos aqui reflexões a partir de alguns referenciais teórico-metodológicos, como os escritos de Neusa Santos Souza (2021) e Lucas Veiga (2018) — entendendo a importância desses autores nas discussões sobre raça, subjetividade, pertencimento, gênero e sexualidade —, visando compreender, a partir das falas dos inscritos autodeclarados negros LGBTQIAPN+, manifestações de como o movimento *hip hop* atua na promoção e cuidado em saúde desses sujeitos, enquanto espaço de pertencimento e resistência.

O presente estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, pois essa metodologia propicia o alcance não só do nível subjetivo, mas também das relações na realidade (Minayo, 2013). Desse modo, confere à compreensão e às representações singulares advindas das experiências de vida dos sujeitos, o que enseja uma interpretação da lógica interna das relações, dos processos e dos fenômenos (Turato, 2005).

Foi analisada a sistematização dos dados fornecidos ao Edital, e alguns trechos que envolviam a percepção daqueles que experienciam a cultura *hip-hop* foram selecionados. Para isso, levou-se em consideração as falas dos proponentes autodeclarados negros LGBTQIAPN+, no intuito de dar a esses sujeitos o devido protagonismo ao tema.

O movimento *hip-hop* para pessoas negras LGBTQIAPN+: reflexões e possibilidades

Principalmente por seu caráter político-reivindicatório, a cultura *hip-hop* frequentemente enfrenta repressões e é alvo de criminalização do Estado. Isso ocorre, em grande parte, devido à forte influência da sua origem e à presença em regiões periféricas, protagonizada por sujeitos dos quais não se esperam movimentações políticas: corpos negros.

Estes são alvos de uma necropolítica que busca manter a exclusão social de jovens negros por meio do encarceramento em massa e das chacinas que ocorrem desde os tempos coloniais, respaldados sob os estereótipos racistas de brutalidade e agressividade que recaem e perpassam, ainda hoje, suas existências e masculinidades (Mbembe, 2018; Moutinho *et al.*, 2006).

A repressão das manifestações do *hip-hop*, como o grafite, a dança e a música, está muito associada à repressão das próprias vidas. Ao enxergar artistas do *hip-hop* enquanto “criminosos potenciais” (Almeida, 2020), reatualiza-se uma narrativa muito semelhante àquela imposta sobre corpos negros, em que se busca, a qualquer modo, criminalizá-los o mais rápido possível, como se o crime fosse o único destino e movimentação possível, principalmente para os jovens negros periféricos (Faustino, 2018).

Como resposta a essa repressão, o movimento *hip-hop* se torna um instrumento de denúncia às violências de Estado e uma possibilidade de humanização dessa população, ao passo que permite que ela se coloque nas rimas, nas danças, no grafite e na música a seu próprio modo, com sua própria narrativa e não se submetendo ao sufocamento do Estado. O movimento, então, se torna não somente de conscientização e denúncia, mas uma organização que viabiliza a identificação, o estabelecimento de vínculos e a evocação de desejos, experiências e identidades.

Se essa desumanização e criminalização histórica, desde os tempos coloniais, ainda apresenta uma influência tão forte no modo como corpos negros se manifestam socialmente, qual lugar o *hip-hop* pode oferecer para os corpos que, além de negros, também têm outros marcadores sociais, como gêneros e sexualidades dissidentes? Pensar em pessoas negras LGBTQIAPN+, adentrando o *hip-hop* e trazendo luz a outras narrativas e identidades que também são silenciadas, transgride inclusive, percepções do próprio movimento, que também é reproduzor de opressões de gênero e sexualidade por ser predominantemente masculino e cis-heteronormativo.

Importante frisar que a cis-heteronormatividade é um conceito compreendido enquanto uma instituição política que rege os corpos, com o ensejo de manter o *status-quo* da binariedade de gênero, ou seja de homens e mulheres (Butler, 2015). Dessa forma, ocorreu o processo de biologização dos corpos, em que algo construído socialmente, no caso, o gênero, passou a ser justificado sob a lógica da biologia, de modo que ser “homem” ou “mulher” foi associado ao sexo (Laqueur, 2001).

Controla-se, assim, a hegemonia dos corpos para a manutenção do *status-quo*, especialmente no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade, correspondendo às exigências impostas pelo patriarcado (Butler, 2015).

Portanto, com o aumento de outros artistas do *hip-hop* ocupando a cena, como mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, amplia-se e diversifica-se esse espaço de predomínio masculino cis-heteronormativo, retomando essas relações também como uma situação própria da cultura. Como afirma o MC

Murilo Zyess (Quebrada [...], 2018), jovem gay negro e ex-integrante do Quebrada Queer: “MC's de verdade não desejam sociedades sem diversidade, recupere o seu bom senso, repense bem nos fundamentos sendo verdadeiro, vai ter bicha no rap sim! E eu nem sou pioneiro!”.

Se as imagens tomadas como referencial para esses sujeitos são predominantemente ligadas aos padrões hegemônicos eurocêntricos, há um impacto não só na subjetividade desses corpos, mas também na concepção que eles criam de si e do seu valor (Quijano, 2005; Veiga, 2018). Enquanto corpos dissidentes atravessados por uma sensação constante de diáspora, em um processo de inferiorização que dificulta os processos identificatórios como corpos humanos, é no encontro com novas formas de si, de ressignificar o próprio espelho, que sujeitos dissidentes podem se humanizar (Souza, 2021).

Assim, diante das respostas dos candidatos autodeclarados negros LGBTQIAPN+, pretendeu-se compreender como a cultura *hip-hop* pode possibilitar esse lugar artístico-político-identitário, que, ao oferecer um espaço de identificação, influencia os modos de cuidado e saúde desse público, de ressignificação de si, por meio de ações que promovem vida e autonomia, considerando que a cultura *hip hop* é parte dos movimentos de resistência das periferias e de grupos marginalizados desde a sua origem.

A potência do *hip-hop* como espaço de cuidado e pertencimento

O *hip-hop* mostra-se como uma das ferramentas emancipatórias possíveis para que sujeitos negros LGBTQIAPN+ possam recuperar sua autoestima e afirmar sua existência, bem como seu lugar. Esses pontos, quando possíveis de serem vividos, geram impactos na saúde do indivíduo, sobretudo no que diz respeito à saúde mental (Souza, 2021; Veiga, 2018). Isso ocorre porque, quando o indivíduo entende o seu valor e o seu lugar no mundo, ele amplia a visão sobre si próprio, ou seja, entende suas potencialidades e expande suas perspectivas de vida (Veiga, 2018).

Nesse sentido, é possível ir ao encontro do que Dejours (1986) teoriza sobre saúde. Segundo o autor, saúde refere-se à possibilidade de ter acesso a recursos que ensejam as suas diversas dimensões, como o bem-estar físico,

mental e social. Ademais, consideram-se os aspectos dinâmicos, de equilíbrio e o contexto em que o sujeito está inserido, sendo permitido criar esperanças sobre si.

Ao analisar as respostas dadas pelos proponentes inscritos no Edital de Seleção nº 10/2023 – Cultura Viva – Construção Nacional do *Hip-Hop*, alguns relatos colaboraram de forma expressiva para a compreensão desse fenômeno, trazendo a potencialidade desse espaço para pensar na coletividade, como o seguinte relato de uma das pessoas inscritas: “Diversidade e inclusão é a base para pensarmos PERTENCIMENTO neste projeto e dentro da cultura *hip-hop*, criando novos imaginários para as pessoas trans, negras e do terreiro, através do audiovisual e do rap” (2023 apud MC, Mulher Trans, Negra).

Tendo a si próprios como modelos ideais, ao mesmo tempo que dão voz aos seus desejos, às suas lutas e à própria experiência de existir, o movimento vai se configurando enquanto lugar de afeto, reconhecimento e legitimação de suas vivências. Isso implica a possibilidade de ressignificar os espaços que, durante anos, foram negados, bem como a chance de serem protagonistas de suas narrativas, como observamos em várias das respostas do Edital:

Para a realização das iniciativas, grande parte das equipes é formada por pessoas LGBT'S, pessoas negras e mulheres. Desde fotógrafos e auxiliares a protagonistas. O trabalho é feito dessas pessoas para o mesmo tipo de pessoa, trazendo visibilidade artística, ou seja, outras pessoas conseguem sentir esperança e ter como inspiração em sentir poder fazer o mesmo. Além da representatividade LGBTQIA+ e negra sendo protagonista dos projetos, trazendo um sentimento de PERTENCIMENTO⁴ a todas as pessoas destas comunidades em questão (2023 apud MC, não binária, negra).

Procuro inspirar outras mães e seus filhos e filhas a se engajarem em projetos que fortaleçam sua autoconfiança e seu senso de PERTENCIMENTO⁵. Com a juventude, especialmente as meninas e mulheres negras, busco promover o empoderamento e o orgulho da sua ancestralidade afro, incentivando-as a desenvolverem suas potencialidades e a superarem os desafios impostos pelo racismo e pelo machismo (2023 apud MC, mulher cis, bissexual, negra).

⁴ Grifo nosso.

⁵ Grifo nosso.

Portanto, se o *hip-hop* proporciona um lugar de cuidado, afirmação de si e pertencimento, de modo que aqueles que compõem a cultura criam esperança sobre si e seu povo, a saúde, sobretudo a mental, insere-se nesse contexto e dialoga com o que é proposto por Dejours (1986).

Dentre as respostas dos proponentes autodeclarados negros LGBTQIAPN+, há, na maioria delas, certa associação das relações do *hip-hop* com as possibilidades de trocas, de promoção de bem-estar, de denúncia, de ampliação de perspectivas para o futuro e conhecimento da própria história. Paralelamente, ressaltam que o movimento representa uma forma de organização de educação e aprendizado que vai além do desenvolvimento de habilidades artísticas, pois abrange também valores como o respeito, a autoexpressão e a empatia, já que aproxima a cultura da juventude negligenciada pelo Estado e permite a expressão de sua própria identidade e moral.

Considerações finais

Com base na discussão trazida, é interessante pensar no modo como a cultura *hip hop*, desde o seu surgimento, constitui uma ferramenta potente para garantir a visibilidade àqueles que, por tanto tempo, o Estado buscou e ainda busca reprimir.

Diante das respostas obtidas na sistematização dos dados, foi possível notar a influência significativa no cuidado desses sujeitos, tendo em vista a possibilidade de se sentirem pertencentes e, portanto, se identificarem com pessoas que têm desejos, ideias e experiências semelhantes às suas. Isso contribui não só para o senso de coletividade, mas também para a construção de ideais que quebram com a lógica hegemônica, que perdura e transpassa suas existências até os dias de hoje.

Isso influencia diretamente a maneira de promover a saúde àqueles que compõem a cena do movimento *hip-hop*, pois, a partir desse espaço, são dispostas ferramentas para o exercício de criar possibilidades sobre si, forjando novas perspectivas de vida.

Assim, é na possibilidade do encontro e compartilhamento, viabilizado pelo movimento, que esses sujeitos podem encontrar formas de ampliar suas potencialidades, bem como afirmar suas identidades e existências, possibilitando, assim, pensar na potência dessas manifestações artísticas-políticas também como práticas de cuidado, manutenção e reprodução de vida nos diferentes territórios em que pessoas negras LGBTQIAPN+ vivem, retomando a autonomia e o protagonismo sobre si.

Referências

- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- AGUIAR, J. N. M.; JESUS, V. G. P. Habitando as margens: Patologização das identidades trans e a colonialidade do poder no Brasil. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 200-228, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendif/article/view/46899>. Acesso em: 10 set. 2024.
- ALMEIDA, G. M. et al. Formas de vulnerabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil. *Revista Bioética*, [s. l.], v. 31, p. e3470PT, 2023.
- ALMEIDA, Y. L. A criminalização do movimento hip-hop. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- BRASIL. Ministério da Cultura. *Edital Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop 2023*. [Brasília]: Ministério da Cultura, 26 out. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/editais/inscricoes-em-andamento/edital-premio-cultura-viva-construcao-nacional-do-hip-hop-2023-1>. Acesso em: 15 set. 2024.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.
- DEJOURS, C. Por um Novo Conceito de Saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 14, n. 54, p. 7-11, 1986.
- DORNELAS, L. Quatro décadas de rap no Brasil: O surgimento da cultura Hip Hop. *RedBull*, 3 abr. 2019. Disponível em: <https://www.redbull.com/brpt/music/O-surgimento-da-cultura-hip-hop-no-Brasil>. Acesso em: 10 set. 2024.

FAUSTINO, D. Reflexões indigestas sobre a cor da morte: as dimensões de classe e raça da violência contemporânea. In: FEFFERMANN, M. et al. (org.). *As interfaces do genocídio: raça, gênero e classe*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2018. p. 141-158.

IMBRIZI, J. M. et al. Cultura hip-hop e enfrentamento à violência: uma estratégia universitária extensionista. *Fractal: Revista de Psicologia*, [s. l.], v. 31, n. spe, p. 166-172, dez. 2019.

LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*; Thomas Laqueur; tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOUTINHO, L. et al. Raça, sexualidade e saúde. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 11-14, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/xm3Mz8DpHmKvBSgB3BvPyXS/?format=pdf&language=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Argentina: Clacso, 2005. p. 107-130.

QUEBRADA Queer – Guigo | Murillo Zyess | Harlley | Boombeat | Tchelo Gomez. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Rap Box. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FwktAmgku68>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 507-514, jun. 2005.

VEIGA, L. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *Revista Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, n. 1, p. 77-88, jun. 2018.